

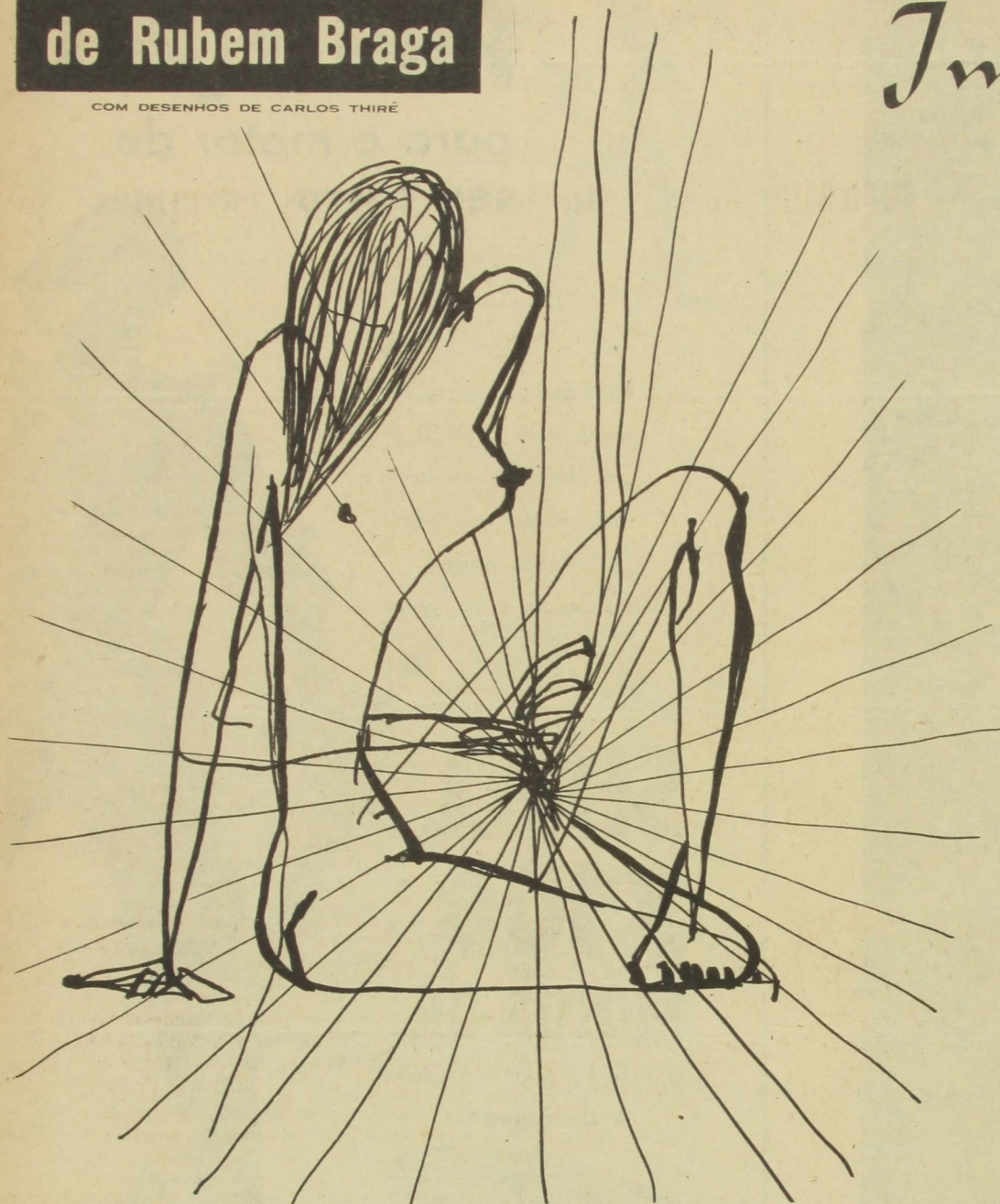
*Tão brando é o movimento
das estrêlas, da lua,
das nuvens e do vento,
que se desenha a tua
face no firmamento.*

*Desenha-se tão pura
como nunca a tiveste,
nem nenhuma criatura.
Pois é a sombra celeste
da terrena aventura.*

*Como um cristal se aquieta
minha vida no sono,
venturosa e completa.
E teu rosto aprisiono,
em grave luz secreta.*

*Teu silêncio em meu peito,
de tal maneira existe,
reconhecido e aceito,
que chego a ficar triste
de vê-lo tão perfeito.*

*E não pergunto nada:
espero que amanhã
e a côr da madrugada
pouse em tua cabeça
uma rosa encarnada.*



Passa gente vindo da feira. Agora temos uma feira aqui perto de casa. Para mim apenas movimentada a esquina, com tantas empregadas e donas de casa carregadas de sacos e cestas de frutas, verduras e legumes. Ao poeta Drummond, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela, e o vozerio dos mercadores e freguesas perturba o seu sono matinal.

O que não tem a menor importância: na atual situação do mundo é bom que os poetas estejam vigilantes. Quanto aos cronistas, que eles durmam em paz; é melhor que se recolham e se esqueçam de fazer a crônica destes dias, em que não há nenhum exemplo nem lição. O poeta é mais adequado para ouvir as exclamações patéticas ("os tomates estão pela hora da morte") e tomar o pulso dos fatos concretos da mercancia local. Além disso deve subir até sua janela a fragância das verduras e de todas essas coisas nascidas na terra, ainda frescas e vivas, coloridas. É bom que ele veja as quinilharias ingênuas, as ervas misteriosas, as pequenas, inúteis e preciosas coisas do mar e do sertão, os cavalos-marinhos e as sementes escuras. Só ele poderá entender as coisas de barro e de palha, a glória dos tomates, o espanto de pedra no olho dos peixes eviscerados e o constrangimento amarelo desses abacaxis sem sabor que amadureceram no meio do inverno.

Passa um homem careca, sério; deve ser um velho funcionário, e tem o ar de quem discute muito nas feiras, capaz de citar o preço dos pepinos em 1921 e de lamentar, como prova de decadência espiritual do Ocidente, o atual tamanho das bananas. Sim, eram

CM 19.8.53 CR
DN 27.3.49

A FEIRA

200 crônicas

maiores as bananas d'antanho. A acreditar nêle, as bananas-da-terra dos tempos coloniais mediam toesas. Em todo caso, não parece ir muito triste; carrega dois sacos verdes e de um dêles sai o pedaço de uma abóbora. Gosta de abóboras, o birbante.

"Não, senhora; só em doce, assim mesmo misturado com doce de côco" — respondeu aquêle menino à dramática pergunta de sua velha tia sôbre se gostava de abóbora. Essa resposta foi, na época muito comentada como grave prova de insolência e talvez desagregação moral. Não era. Era uma prova de tolerância, boa vontade, anseio de compreensão; porque a verdade terrível é que o menino não gostava mesmo de abóbora. Estava, entretanto, disposto a superar as próprias convicções em benefício do bem-estar geral. Tinha pudor de que pensassem que êle odiava abóbora; era uma criança no fundo delicada, embora tenha resultado em um homem com freqüência estúpido.

A feira, não sei por que, me leva a essas divagações infantis; vagueio com suave emoção entre cebolas de brilho metálico e couves e alfaces líricas.

Há uma grata surpresa. A mais bela, esquiva e elegante senhora da rua está pessoalmente na feira. Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas. Demoro-me em ver sua pele, seus cabelos, seus olhos, sôbre um fundo de couves e beterrabas. Sua pele tem uma frescura vegetal. Suas mãos finas seguram os legumes com um experiente carinho. Quando vai para casa, um menino conduz suas compras. Ela, porém, fêz questão de levar nas mãos, como sinal de alegria e de simplicidade, uma grande couve-flôr.